

A chama da vela. É a vela – a chama não existe dissociada do objeto que queima. O objeto, enquanto queima, produz sua própria chama.

Exala o fogo interno, concentrado.

Imagine que você queima. Seu corpo queima; até derreter, até virar pó. E não só queima, como se expande ao redor, machuca qualquer coisa que se aproxime, se alastra feito um vírus.

Numa intensidade mortal.

Uma temperatura de intensidade mortal que mostra a sua potência em determinada circunstância, violentamente nociva, mas que existe em você neste momento.

Quando sua carne derrete, pingando... Essa água está contida em você, condensada.

Quando seu pó suja o chão – pó de seu corpo carbonizado – e teu cheiro queimado exala enfestando a sala. Existe agora em você este pó, este ar. Os 4 elementos que compõe toda matéria.

A potência adormecida que te habita, isso que queima, isso que evapora, isso que escorre. Isso que se enterra.

A união destes, em baile, é a liturgia da vida.

Mas ainda há mais. Há os vultos que não vemos, as chamas que não se explicam, os mistérios...

Afirmo que existe neste mundo, matéria pouco densa a ponto de que se pode ver, se pode sentir, mas tocar ninguém consegue.

Afirmo que existe neste mundo, matéria pouco densa a ponto de que se pode ouvir, se pode sentir, mas tocar ninguém consegue.

E aquelas, ainda, que se pode tocar, mas ouvir ou ver não se consegue.

E convivemos com elas, totalmente acostumados, nos valem delas, às entendemos completamente naturais.

A luz, a música, a força da maré.

A chama da vela te consome por inteiro, e some. Desaparece. Primeiro a chama derrete em pó e depois evapora em ar.